

Febre Tropical Romance

Febre Tropical



Iglesia
Cristiana
Jesucristo
Redentor

MI
REI
NA

ia
ana
risto
entor

MAM
MAM
MAM

MAM
MAM
MAM

La
Tata

La
Tata

si
ia
ris
tor

Juliana Delgado Lopera

Febre Tropical Romance

TRADUÇÃO

Natalia Borges Polesso

6•9 instante

© 2021 Editora Instante

FIEBRE TROPICAL by Juliana Delgado Lopera.

Copyright © 2020 by Juliana Delgado Lopera.

Publicado originalmente por Feminist Press, Nova York, em 2020.

Publicado no Brasil sob acordo com Feminist Press e Villas-Boas

& Moss Agência Literária. Todos os direitos reservados.

Direção Editorial: **Silvio Testa**

Coordenação Editorial: **Fabiana Medina**

Revisão: **Mariana Zanini** e **Carla Fortino**

Capa: **Fabiana Yoshikawa**

Ilustrações: **Camila Gray**

Diagramação: **Estúdio Dito e Feito**

1ª Edição: 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Laura Emília da Silva Siqueira CRB 8/8127)

Lopera, Juliana Delgado.

Febre tropical / Juliana Delgado Lopera ;

tradução, Natalia Borges Polesso. 1ª ed. —

São Paulo: Editora Instante : 2021.

Tradução do original "Fiebre tropical".

ISBN 978-65-87342-10-8

1. Ficção: Literatura norte-americana

2. Literatura norte-americana: romance

I. Lopera, Juliana Delgado.

CDU 821.111

CDD 820

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana

2. Literatura norte-americana: romance

820

Texto fixado conforme o Acordo Ortográfico da

Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil a partir de 2009.

www.editorainstante.com.br

facebook.com/editorainstante

instagram.com/editorainstante

Febre tropical é uma publicação da Editora Instante.

Este livro foi composto com as fontes Arnhem,

Kindness e Righteous e impresso sobre

papel Pólen Bold 80g/m² em Edições Loyola.

Para a minha mãe

Capítulo uno

Buenos días, mi reina*. Imigrante criolla falando aqui de Maiamis, do nosso sobrado infestado de formigas. O ar-condicionado quebrado sobre a TV, o sofá florido, La Tata meio bêbada me dirigindo nesta bendita radionovela oferecida para você pela Corporação Tristeza de Mulher. Naquela manhã, quando desfazíamos a última das nossas malas, encontramos o rádio velho da Tata. Então nós duas praticamos nosso mais recente melodrama na sala de estar, enquanto Don Francisco na TV saudava *el Pueblo de Miami idamas y caballeros!*, e a Tata — nessa idade —, para o desespero da Mami e para o meu deleite, ficou louca como uma menininha por causa da voz máscula do apresentador.

Y como quien no quiere la cosa, Mami irritada desligou o fogão, onde a Tata tinha deixado o bacalhau fritando sem supervisão, depois passou Lysoform em spray no tampo dos balcões, esmagando a trilha escura de formigas que empurrava um pancito até a colônia atrás da geladeira. A bonita estava puta. Ela não tinha vindo para os E U da A pra matar formigas e cheirar como um puto pescado, e que lindo teria sido se a faxineira tivesse vindo conosco no avião? Aí Mami podia deixá-la encarregada das obrigações da casa

* É uma característica do estilo de Juliana Delgado Lopera o uso de expressões em espanhol, sobretudo gírias colombianas, misturadas ao inglês (idioma original em que o livro foi escrito). Procuramos mantê-la e, quando necessário, há notas para explicar o contexto. Demais expressões constam no glossário ao final.

e se concentrar na execução desse Projeto Migratório. Pero, ¿aló? Ela é a única pessoa atenta em esta berraca casa?

Na TV, outro comercial do Inglés sin Barreras, e Lucía, La Tata e eu rimos das pessoas brancas ensinando pessoas marrons a dizer “Hello My Name Is. Hello, I am going to the store”. *Hello*, o que é esse pântano, por favor, nos salve. Era abril e estava quente. Não que o calor se dissipasse em junho ou julho ou agosto ou setembro ou mesmo novembro, no caso. O calor, aprendi do jeito mais difícil, é uma constante em Miami. El calorcito não recebeu o memorando da impermanência, não entendeu como a mudança funciona. O calor é uma cadela teimosa, respirando com a boca úmida em todos os seus poros, lembrando que esse inferno é inescapável, e em outro idioma.

Estamos aqui faz um mês, recém-chegadas, ainda saladitas, e já querendo voltar para a Colômbia, voltar para minha terra da panela*, suas montanhas e aquela constante ansiedade que vem só de morar em Bogotá. Aquela ansiedade que eu, todavia, entendia melhor do que essa nova e aterrorizante. Mas Mami me explicou diversas vezes com um sorrisinho malicioso, olhe ao redor, Francisca, *esta* é a sua nova casa agora.

Nossa lista de afazeres que amaldiçoou o sábado das formigas e do bacalhau incluía ajudar Mami com os preparativos para a celebração da morte, ou o batismo, ou o renascimento, ou alguma coisa, do seu bebê abortado, Sebastián. Foi debatido — pelas únicas pessoas que se importaram em debater: La Tata e suas hermanas — que o batismo do meu irmão morto seria o evento mais entusiasmante da família Martínez Juan naquele ano. Isso principalmente porque La Tata bebia meia garrafa de rum por dia, não sabia dizer se era segunda ou sexta, então era óbvio que o batismo de um bebê falso na piscina de um pastor seria mais importante para ela do que, digamos, o fato de que, no fim do mês, minha irmã mais nova, Lucía, estava acordando regularmente no meio da noite para rezar por mim. Ou o fato de que, no fim, eu lembraria desse tempo,

* *Panela* é o termo usado para designar “rapadura” na Colômbia (maior produtora mundial desse derivado da cana-de-açúcar) e em outros países de língua espanhola.

os primeiros meses depois da nossa chegada, como os momentos mais são e pé no chão da Mami.

Pero não vamos nos apressar, cachaco. Primero la primaria.

Nós estivemos nos preparando para a celebração do batismo mesmo antes de partir do nosso apartamento no terceiro andar em Bogotá. Dentro das seis malas Samsonite que Mami, Lucía e a Toda Sua Aqui pudemos trazer para esta vida nova! excitante! pense-nisso-como-se-fosse-subir-a-escada-social!, estavam toalhas de mesa pretas e douradas, convites feitos à mão e várias outras parafernália do batizado. Não houve espaço suficiente para a caixa de cartas dos meus amigos ou para os nossos álbuns de fotos, mas, mesmo assim, pusemos na mala duas jarras de água benta (em vez da minha coleção de CDs — The Cure, Velvet Underground, Ramones, Salserín) — abençoada três dias antes por nosso vizinho padre, água que foi confiscada por horas pela alfândega (“Você acha que não temos água na América?”) e depois rapidamente desceu pela descarga acionada por tia Milagros, que agora, encharcada pelas bênçãos cristãs evangélicas de Jesus, acreditava, como o resto do matriarcado de Miami, que padres católicos eram um bando de degenerados, bons pra nada. Catolicismo é uma religião falsa e chata. Cristianidade é o verdadeiro e entusiasmante caminho para uma vida abençoada em nome de Jesucristo nuestro Señor, ¿okey?

Agora Mami movia sua bunda à mostra pela sala de jantar, cabeça de lado segurando o telefone, vestindo só um short e um sutiã *push-up*, se abanando com um envelope grosso da pilha de contas não abertas. Ansiosamente telefonando para os pastores, para o pessoal incompetente das flores (*Colombianos tenían que ser*), as duas lloronas vestidas de preto — ideia da tia Milagros — que chorariam, profissionalmente, o luto de Sebastián, enquanto cobravam da Mami quinze dólares por hora.

Miami queria o batismo de um bebê morto, filho da puta, e Mami *faría acontecer*.

A bonita não viu nada de errado em gastar — eu descobriria depois — nossas economias de vida comprando lágrimas e alimentando a congregação.

Pero — óyeme — não se podia brigar com ela.

Esa plática ya se había perdido. Esta costeña estaba montada en el ônibus já. Mami nunca descansava. Nunca parou para sentir o cheiro das flores. Cómo se te ocurre. Do momento em que chegamos, Myriam del Socorro Juan estava em sua insana viagem de *ter que fazer a merda das coisas*. Nos deu listas de afazeres; gritou com a gente, nos dirigiu; nos disse o que fazer passo a passo.

Nós obedecemos. O que mais poderíamos fazer? Onde mais poderíamos ir?

Os arredores de Miami eram terra morta. É lago sucio atrás de lago sujo com autoestradas e *outdoors* de remédios para emagrecer e próteses mamárias. Quase não tem transporte público nem calçadas, mas um glorioso Walmart e um Publix Sabor, onde uma manada de colombianos, que vieram até aqui de suas terras, compra arepas congeladas e banana-da-terra congelada da Goya para preparar no micro-ondas. Lucía não reclamava. La Tata mal tinha forças para brigar com a Mami. Os brejos dos arredores colaboravam com Mami na tarefa de fazer com que todos os dias fossem excruciantes.

Pero, mi reina, siéntate pa'trás — só estamos começando.

No último mês, fomos empurradas de um culto para um jantar da igreja a um churrasco da igreja. Conhecendo esse hermano, aquela hermana e aquele líder jovem muito importante. Escutamos nossas tias contando toda a fofoca da igreja de novo e de novo no almoço e na janta. Até mesmo durante os onces elas não calavam a boca. Todo mundo discutindo sobre quem era um verdadeiro cristão e quem estava só calentando silla. Rapidamente descobri que há muitas coisas para ser uma filha de Jesucristo aleluya e que frequentar a igreja aos domingos era só a pontinha do *iceberg* da fé.

O batizado do meu irmão morto fazia parte do *iceberg*. Bebês mortos precisam ser batizados, nomeados, ter quem chore por eles, para que suas almas não permaneçam aqui, para que possam se juntar à festa celestial. Isso era parte da explicação de La Pastora, e Mami só assentia com a mão no peito dizendo *Ay sí, el dolor es tan grande*.

Agora La Tata e eu nos olhávamos enquanto assistíamos ao redemoinho frenético da Mami pela sala. Mami falando e falando sobre todos os itens na lista de afazeres que ainda não tínhamos feito do jeito que ela queria. Tata e eu queríamos pegar na mão da Mami e dizer a ela *Ya ya, Mami. Vamos lá, Myriam, carajo, deja el berrinche*. Queríamos estapeá-la um pouquinho, porque ainda acreditávamos que debaixo dessa nova camada de santidade havia a católica piedosa neurótica que conhecíamos tão bem. Entre mim e Tata se deu um autêntico momento mágico poderoso de olho no olho. Eu soube que ela precisava de um refil do rum quando seu olho esquerdo sinalizou *Dá um tempo*, e ela sabia que eu estava por um fio de dar uns tapas na Mami quando meus olhos *se fecharam como os de Buda*. Depois de assinar os papéis do divórcio, Mami se arrastou com a mesma energia louca com a qual estava agora, pintando todo o nosso apartamento em Bogotá de um vermelho cafona, depois chorando porque a casa parecia a da mulher de um traficante. E, quando isso não foi o suficiente para matar sua *vibe*, essa cartagenera costeñita de Dios clareou os meus cabelos e os de Lucía com água oxigenada porque ah-rá! nenhum homem vai arruinar a vida de Mami, nem mesmo o pai de vocês. Naqueles momentos, ela já estava por demais perdida em si mesma, afundada em sua escuridão. Olhos vidrados, pálida, fazendo listas infinitas de afazeres, e ainda assim seu cabelo estava sempre escovado, impecável.

Y ahora não havia homem, mas um bebê morto que precisava ser batizado imediatamente. Y ahora Lucía ajudando Mami com os toques finais no bolo: a cobertura preta e dourada sob o Jesus na manjedoura de plástico recuperada da

caixa do presépio. Tata fritando o bacalhau na cozinha, gritando pra ninguém (mas é claro que era pra Mami) que, pero claro, Myriam não tem ancas de parideira, não é à toa que perdeu o bebê. Se ela a ouviu, Mami se hizo la loca. Se ela a ouviu, Mami fez sua habitual respiração profunda, suspirou profundamente, não se incomodou com Tata.

Então Lucía se sentou do meu lado no sofá. Suas pernas minúsculas perto das minhas. A TV ainda ligada, mas não prestávamos atenção. Estávamos sentadas olhando o ventilador de teto, babando, capturadas por sua velocidade; o murmúrio das pás aterrorizantes e quietas, afogando o som de Mami e La Tata, nos dando uma folga. A possibilidade de o aparelho quebrar e nos estraçalhar. Lucía e eu fazíamos isso com frequência. Nunca tivemos um ventilador de teto na nossa casa em Bogotá, nunca precisamos de um. Mas aqui ficávamos sentadas lado a lado em silêncio, encarando-o, fascinadas por seu movimento. Eu, concentrada no som, uma pequena promessa de vento motorizado. Um curto alívio para o calor. Lucía sorriu para mim, e senti uma repentina urgência de abraçá-la forte, beijar seus cachos, pôr minha cabeça em seu ombro. Em vez disso, eu só me virei, fechei os olhos e fingi que era outra pessoa.



Entre telefonemas, Mami nos lançou O Olhar: a definitiva e autoritária piscada, com cílios bem abertos e um movimento da cabeça quase imperceptível que nos punha de pé e correndo. Em Bogotá, ela fazia a mesma coisa toda vez que as freiras mandavam para casa uma carta disciplinar, procurando a minha culpa, e eu tentava resistir, ousando me desviar d'O Olhar o tanto que pudesse, mas sempre fracassando. Desta vez, estávamos exaustas demais para resistir. Estávamos exaustas de mover nossas coisas de um lugar a outro. Exaustas de conhecer esse líder da juventude, aquela mulher ex-drogada da igreja (*¡La drogadicta encontró al Señor!*); cada señora de Dios

arrumando nossos cabelos, apertando nossas bochechas, comentando que éramos ou magras demais, ou gordas demais, ou pálidas demais, ou — meu favorito — colombianas demais (*Cómo se les nota que acaban de llegar, tan colombianas*).

O comentário “colombianas demais” ofendia Mami. Ser colombiana demais significava que era evidente que ela não fazia escova no cabelo dia sim, dia não; nossas asperezas estavam à mostra, o sea, criollas, o sea, Mami não entendia ni pío de inglês e aquilo a atirava no fundo do fundo do poço da hierarquia. Tudo o que ela conseguia dizer era, Sim, sim cómo no. Mas eu tinha quinze anos, coño, qué carajo colombiana demais. Eu não me importava em ser colombiana demais. Para mim, todos eram colombianos demais, e aquilo era parte do problema. Tudo o que eu queria eram as minhas amigas em casa, cigarros e um bom delineador preto. Miami não estava me dando nada daquilo. Em vez disso, apresentava com um inferno que rastejava pelos ossos e queimava neles sua própria lenha. Um calor surreal que cobria tudo com um véu, como se olhássemos através de um gás, tudo uma miragem que nunca se dissipava. Um fogão queimando por dentro. Eu não queria admitir pra mim mesma nem pra ninguém, mas eu estava a mais pura Realeza Soledad, pura solidão devorando meu âmago. Dándome duro. Morar com La Tata ajudava? Morar perto da Milagros e das minhas outras tias e primos e os pastores bizarros e aquela señora da congregação que sempre nos levava arepas e me chamava de La Viuda (*Toda negro siempre, Francisquita, como La Viuda*) aos domingos? Isso ajudou na transição de algum modo?

Falso.

Piorou tudo. O entusiasmo delas era insuportável.

Porque essa não era uma aventura de múltipla escolha do tipo Escolha a Sua Migração, com as opções (a), (b) e (c) dispostas ao final de cada página, e você simplesmente escolhe (b) Fique em Bogotá, sua idiota. Cachaco, por favor. Essa era a mamá militante colombiana engolindo Zoloft, implorando ao papai para assinar os papéis, depois apontando para você

fazer as malas, enquanto vendia seus livros, CDs e bonecas de porcelana restantes que ninguém queria; enquanto ela doava seu uniforme da escola católica (que você odiava, mas ainda assim), se trancando por horas no banheiro com o telefone e uma calculadora e então emergindo com os olhos inchados para informar Lucía e a coitada de você que ni por el chiras, que vocês não partiriam em seis meses, mas, sim, na semana seguinte, porque Milagros havia conseguido um trabalho para Mami (que nunca se materializou), e então bum bum bum um cara cubano, falando um inglês com ares de superioridade, carimba seu passaporte, dá um sorrisinho pros peitos da Mami — ele literalmente diz *peitos* — e, quando ela lhe pede que traduza, você simplesmente fala, Ay Mami, pero tu não sabias que as pessoas falavam inglês nos E U da A?

Óyeme, la cosa no termina ahí.

Porque o que sabíamos mesmo sobre migração, mi reina?

Eu não sabia nada antes de cruzar aos pulos o pântano caribenho. Tá brincando? A bonita aqui viveu no mesmo apartamento na Calle 135, ao lado do mesmo minúsculo quadrado de grama verde que se passava por um parque, ao lado da capela onde levei dedada de dois namorados; com o mesmo supermercado Cafam, a mesma loja de esquina onde doña Marta me vendia cigarros religiosamente, sob a mesma Bogotá com nuvens de poluição. Reclamando do trânsito todos os dias dos meus quinze anos inteirinhos. Estávamos tão ancoradas em Bogotá, tão acostumadas à nossa homogeneidade, que a garota da escola que veio de Barranquilla — a única nascida fora da cidade — era uma mercadoria exótica. As meninas tiravam sarro do seu jeito de ñera, o jeito que sua boca comia todas as vogais como se para nossa diversão. E, embora Mami seja originalmente de Cartagena, ela se mudou para La Capital quando tinha dezesseis anos, perdendo o sotaque de costeña. Nós só viajávamos para Cartagena de férias, uma vez por ano, o que era por si só o Evento do Ano (planejado por meses) e causava comoção o suficiente para durar até a visita seguinte:

¡Las maletas! ¡El pancito para sua tia daquela panadería especial! ¡El protetor solar! etc. Corte de cabelo novo, escova nos cabelos e um novo (péssimo, para sempre odiado) vestido de girassóis com botões dourados para combinar, usado para impressionar o epicentro do matriarcado.

Cada viagem era tão dolorosa porque Mami não gostava (e ainda não gosta) de mudanças. Ela gosta de ficar quieta e, se possível, bem parada para que nada se mova. Qualquer coisa nova a faz embarcar em uma montanha-russa de ansiedade que ela, por supuesto, nega e esconde muito bem. Ela é obcecada por rotinas e sistemas, listas, e riscar itens com uma caneta vermelha quando eles são feitos. No dia que deixamos Bogotá, o estresse casi se la comió, uma alergia sob a forma de minúsculas bolinhas vermelhas se espalhou por suas costas, e ela não parou de se coçar até que a señorita comissária de bordo disse, Bem-vindos a Miami.



Dias antes do batizado, Mami chegou com um enorme vestido amarelo para mim. Amarelo é uma cor tão feia. Além disso, eu odiava vestidos. Mami sabia que eu odiava amarelo — e vermelho, e laranja, e cores quentes. Sabe o que era amarelo? Meu uniforme da escola católica. Pollito amarelo bizarro com listras laranja e um casaco verde bordado com as iniciais da escola e uma minúscula cruz marrom. As freiras se certificaram de que não houvesse a menor possibilidade de provocação ou desejo que pudesse despertar nos meninos o mal da tentação, que somente existia fora da escola, enquanto nós, respeitáveis adolescentes — espécie em extinção —, estávamos protegidas pelas peças de roupa mais cafonas já inventadas. Era como se a paleta de cores escolhida tivesse sido inspirada no vômito de alguém. Os homens não mijavam na gente para marcar território, e podíamos agradecer às freiras por isso. E agora ali estava aquela cor horrível reaparecendo na minha vida, na forma de um vestido para

batizado em uma sacola da Ross chegando até mim pela alegria exaurida da Mami.

Le dije, Mami, ni muerta vou usar aquele vestido.

Ela me interrompeu e disse, Você nem olhou ele direito ainda. É tão bello, ¿verdad, Lucía? Olha como é bello y em descuento. Você nem provou, nena. Prova, vem pa'acá.

Ay Mami. No meu coração, eu entendia a dissonância que meu corpo sentia a cada vez que usava um vestido, tipo um grude. Mas a cara da Mami era a cara da Mami, então, mesmo assim, tirei a camiseta preta, o short e, lá no meio da sala, cercada por todas as bailarinas de porcelana e seus mindinhos quebrados, me tornei mais uma vez um triste raio de sol amarelado. Eu parecia uma criança perdida em um desfile. Vestido amarelo e tênis Converse branco sujo.

Mami primeiro disse, Francisca, por que você não está usando sutiã? Horrible se ve eso. Quem te ensinou a não usar sutiã? E então, Ay pero mírala, que linda. Sua avó pode arrumar dos lados, mas te serve perfeitamente.

Tata e Mami discutiram as alterações nos vestidos. Mami comprou um cor-de-rosa para Lucía e um preto do tipo sereia para ela, uma peça linda, mas com pequenos furos ao redor da gola, a 50% de desconto. É verdade que Tata e Mami compartilhavam um amor inimaginável por Jesucristo, mas *também* é verdade que sua conexão mais profunda estava numa prateleira de ofertas da Ross, nos cupons do Walmart e na impossível variedade de pendejadas para el hogar na loja de um dólar. E, reinita, nem me fale do Sedano's. A milagrosa revelação repentina do mundo das ofertas das cadeias de lojas. O mundo pode até estar acabando, mas ao menos não há nada, nadita de nada, que você não possa comprar por menos de cinco dólares *se* procurar bem, *se* souber aonde ir, em que datas e quais cupons levar. Mami e Tata memorizavam o calendário de ofertas inteiro de suas lojas favoritas e uma vez por semana lá iam as duas, na van emprestada por Milagros, para as compras da família, que nos trazia pão dormido, arroz com amiguinhos rastejantes e vestidos pomposos da Ross com furos no sovaco.

Tata vai consertar, foi a resposta da Mami, enquanto eu olhava para os meus sovacos furados. Ela dissipou minhas preocupações, tratando o processo de agulha-e-linha como seu momento pessoal de estilista; como se os furos não estivessem ali porque o vestido tinha sido literalmente comido pelas traças, mas porque era uma obra-prima à espera de ser concluída pelo senso de moda único da Mami.

Parezco um bolo, eu disse.

Ela deu risada. Você está bella, como era quando a Tata costurava seus vestidos, lembra?

Eu não disse nada, porque era *inútil* brigar com ela por causa disso, e por mais que Mami ficasse brava comigo naquela época, havia também aquela cara dela que de repente se acendia por causa do batismo. Parada, fiquei na sala — enquanto a Tata tirava as medidas, colocava alfinetes no vestido —, encarando o horizonte com o olhar de mártir que aprendi com as tias: os olhos voltados levemente para os lados, como se prontos para chorar, mas segurando tudo; era o encontro entre o sofrimento da Virgem Maria com a raiva de Daniela Romo e um comercial de Zoloft. Uma pose que vou usar de novo e de novo por toda a vida. Uma pose passada de geração em geração da Tristeza de Mulher amontoada nos meus ossos, que remonta aos da mãe da mãe da Tata. Uma pose que diz: estou aqui sofrendo, pero não não não, não quero sua ajuda; quero que você fique aqui e me assista sofrer — testemunhe o que fez — e me deixe sofrer em silêncio com meu glamour com desconto.

— • —

Lá fora, o céu em toda a sua fúria soltou baldes de água que balançavam as palmeiras. El cielo gris, oscuro. Me lembra os góticos. Bem ao meio-dia, o céu passou de laranja-claro para nuvens pretas corpulentas que estavam cagando para os seus planos de praia ou para as três horas que você passou alisando o cabelo com o ferro de passar, esticando toda a tristeza bem na sua frente. Te lavando com sua escuridão.

Um pouco antes da chuva, a umidade se intensificou, o cheiro de terra misturado com cheiro de lixo quase insuportável. O suor constante que ia até o cu. Pele molhada, como a de um peixe. A água vinha de todos os lugares: do oceano, do céu, das poças, do sovaco, das mãos, da bunda. Dos olhos. Lluvia tropical é a violência da natureza. E aqui estava a lluvia tropical chapada de ácido, uma febre tropical. Febre tropical por dias. Natureza soltándose las trenzas, afogando o chão de modo que, até a noite, quando a chuva estiasse, a terra teria virado um labirinto de pequenos rios, pequenas poças onde minhocas e sapos construíam lares e os pés e a meia-calça de Mami tristemente encontraram seu fim várias vezes. Mais do que uma vez ela chegou à porta mojadita de arriba abajo, sem querer ajuda, mas gritando pra mim, por favor por favor, para olhar seus pés e tirar quaisquer animalitos.

¡Tengo bichos por todas partes!, ela diria, com nojo. E eu tentaria ajudá-la ainda que ela tivesse dito que não precisava de ajuda, a não ser, é claro, que eu tirasse as minhocas e besouros presos na meia-calça; eu traria uma toalha, secaria seu cabelo, o pentearia e trançaria. E, durante esse tempo todo, ela ficaria dizendo que não precisava de nada.

O que eu preciso agora é que você olhe para essa surpresa que encontrei, Mami disse toda feliz, com toda a atenção voltada para a gigantesca sacola da Ross.

Da sacola, ela puxou um boneco sem roupas com olhos azuis e um cacho de cabelo preto plástico. Um surrado boneco Quem Me Quer, como os que eu implorava para ganhar quando era mais nova, mas aquele bebê tinha passado dias difíceis: as bochechas escurecidas pela sujeira, sem parte do azul no olho esquerdo, a pele gasta marrom-clara.

Pero isso era só o começo, cachaco.

Então veio o conjuntinho de roupas de menino: calça, camisa, até uma gravata preta.

Por que perguntar? Por que perguntar a ela quando você já sabe a resposta? Contudo, havia uma urgência dentro de mim de subir naquela louca montanha-russa de Jesucristo

que ecoava de volta para mim, para que eu soubesse que não estava enlouquecendo. Para que eu não duvidasse da minha própria realidade. *Isso está acontecendo, certo? Mami está mesmo colocando as roupas do boneco sobre o sofá, ela está amarrando seu cabelo para trás com uma chuquinha, ela está se abanando com as notas fiscais, ela está me ignorando quando pergunto: Mami, pra que tudo isso?*

Ou a bonita não me ouviu, ou estava muito envolvida com o muñeco que agora experimentava sua nova roupa de batismo. Ela colocou o boneco no colo e, com enorme cuidado, vestiu aquele pedaço de plástico com as calças minúsculas, a camisa minúscula e a gravatinha minúscula. O gênero do boneco era questionável — quantidades iguais de azul e rosa —, e eu ria por dentro pensando que Mami estava fazendo de uma boneca menina um menino *drag*. Tanto por aquele filho amado! Questionei seu gênero em voz alta, mas ela não se importou. Ela poderia estar botando roupas numa girafa — era o seu bebê perdido, e ela o amava.

¡Encontré a Sebastián!, ela anunciou com tamanho entusiasmo.

Quem diria que o meu irmão morto voltaria para nós por meio de brinquedos descartados na seção de promoções da Ross. Quem diria que ele voltaria afinal.

Não parece que ele pertence à família?, ela riu. Então, sentindo o silêncio, continuou, Um pouco maltratado, yo sé, mas nada que pañitos umedecidos não resolvam.

Ela tinha razão. A única grande diferença era que a maioria das pessoas da família tinha um coração batendo.

Então foi a minha vez de cuidar do bebê falso, carregá-lo nos braços. Sabe que eu amava as minhas bonecas quando eu era uma peladita. Do meu jeito próprio. Eu cortava o cabelo delas, desenhava árvores e nuvens em seus corpos. Procurava incessantemente por seus genitais. Minhas Barbies se sentavam para tomar cafecito, esperando que um Ken Homem aparecesse e as arrebatasse, mas um Ken Homem demorava tanto que as garotas inevitavelmente ficavam

entediadas, famintas, e comiam o cabelo uma da outra, às vezes seus membros; às vezes eu desenhava tatuagens em seus corpos, noutras as Barbies fodiam seus goldens retrievers. Os filhos das minhas Barbies eram Legos, lápis e um pequeno hamster inquieto que se chamava Maurito. Nada de filhos humanos para as minhas garotas.

Pegue o bebê! Mami passou pra mim. Pegue, carajo, que no muerde.

Agarrei o boneco pela cabeça, com um pouco de nojo da coisa. Mas Mami não aceitou bem.

¿Es mucho pedir?, ela disse. É pedir demais que você não o pegue como se ele fosse lixo?

Eu quis dizer, *Mas é lixo*.

Em vez disso, eu o abracei bem forte e com raiva, enquanto Mami continuou explicando que é claro que não era um bebê de verdade, Francisca, ¿sabes? É um bebé simbólico, ¿sí? Como Jesus, que não está de verdade em nossos corações? É uma *metáfora*.

Ela continuou falando sobre o bebê de carne e osso. Disse algo sobre sua alma, seus olhos, algo sobre a túnica do batismo, mas eu não estava ouvindo. Eu ouvia a música estourando de alta dos venecos lá fora, Lucía com *Salvation* no andar de cima e o retumbante ar-condicionado tentando tão arduamente quanto possível não nos deixar morrer de calor. Então me lembrei da cicatriz branca da Mami. O retorcido rio leitoso que dividia seu baixo-ventre e que eu traçava com os dedos quando era criança. A que estava exposta agora porque ela estava quente, quase en cuera; aquela pra qual apontava toda vez que precisássemos de um lembrete do que ela tinha feito por nós. Eles me fatiaram, ela diria, essa aqui é *você*.

Parada sob o ventilador de teto, meus olhos encontraram os de Tata, que piscou para mim e articulou com os lábios, Tenle paciência a tu mami, depois deu uns tapinhas na minha mão para que eu pegasse um refil pro seu rum.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Mami se virou para mim.

Tá me ouvindo?

(Eu não estava.)

Obvio que sí, Mami. Estou bem aqui, eu disse a ela, segurando a mão da Tata.

As mulheres da minha família possuíam um sexto sentido, não necessariamente por serem mães, mas pelo acirrado policiamento da nossa tristeza: sua tristeza não era sua, era parte de um pote coletivo maior da Tristeza de Mulher com o qual todas nos contribuíamos. As tias podiam sentir sua tristeza mesmo antes que você a sentisse. Como se a chegada da tristeza irradiasse um cheiro específico somente detectável pelas leoas; quanto mais velha fosse a leoa, mais poderosa era e mais rápido detectava sua alma empesteando o lugar. Elas apontavam a sua tristeza para tornar as delas mais secretas e, portanto, maiores. Épicas. Sim, sim, você está triste, Francisca, mas e a sua tia Milagros que trabalha doze horas debaixo do sol? E a sua mami que perdeu um bebê? Que perdeu seu pai? E isso? Tenho incontáveis memórias nas quais meu triste corpo de adolescente emo mal tinha chance de se dar algum prazer com suas próprias lágrimas, se ensopar na obliquidade de uma vida obscura, porque havia sempre uma tia berrando do sofá quando eu entrava na sala de estar: Ay pero lá vem ela com aquela cara. Ay pero si acá no ha pasado nada.

Rapidito. Mais rápido do que poderiam sentir seus cachos se enrolando antes da chuva.

Inevitavelmente agora Mami se virou para mim e disse, Ay pero por que essa cara? Cualquiera diría que você está se chateando. Mas você não está, nena, então se anima. Deja la pendejada.